

## **Vossler e o Idealismo Lingüístico**

Pela profundidade e valor singular de sua obra de lingüista que não perdeu o contato com a renovação das idéias gerais, o nome de Karl Vossler impôs-se à justa admiração de seus contemporâneos. O livro com que iniciou o combate em prol de uma interpretação mais inteligente dos fenômenos lingüísticos – “Positivismo e Idealismo na Ciência da Linguagem”, Heidelberg, 1904, trouxe-lhe de golpe, fama e desafeições. Numa época em que as teorias dos neogramáticos dominavam quase sem contraste, se excetuarmos alguns nomes isolados, como o de Schuchardt, por exemplo, não é de admirar, conforme observa Iorgu Jordan na “Introdução à Lingüística Românica”, que um autor então muito jovem tivesse encontrado, em vários círculos lingüísticos, indignação, incredulidade ou desprezo, e isso por haver ousado apelar para a intuição, como fator explicativo dos fenômenos lingüísticos, considerado à época mero fator subjetivo e, como tal, inteiramente anticientífico.

Vossler, porém, não se deixou abater pela hostilidade dos filólogos e lingüistas educados nos princípios positivistas e prosseguiu, com redobrado entusiasmo, na sua tarefa reformadora. Não se limitou à pregação de novos métodos e doutrinas novas. Em “Cultura Francesa no Espelho de sua Evolução Lingüística”, publicado em 1913, estuda a história do francês literário desde as origens até o período clássico, aproximando o gênio da língua do gênio do povo. Deste livro houve segunda edição em 1929 sob o título: “Cultura e Língua da França”, à qual Vossler acrescentou três capítulos destinados a incluir no trabalho o francês literário moderno. Esse livro, fundamental na bibliografia do mestre de Munique, foi recentemente traduzido para o italiano com o título “Civiltà e Língua de Francia”, 1948. É a primeira tradução da obra que sai do prelo.

Vossler discutiu também vários problemas teóricos, numa série de artigos, depois enfeixados em volume, que denominou: “Ensaio sobre Filosofia da Linguagem”, Munique, 1923. Dessa coletânea há cuidadosa tradução espanhola, devida à pena dos lingüistas Amado Alonso e Raimundo Lida, publicada em 1943, em Buenos Aires.

A esses trabalhos deve-se acrescentar “Espírito e Cultura na Linguagem”, Heidelberg, 1925, traduzido em 1932 para o inglês por O. Oeser, com o título “The Spirit of Language in Civilization”.

Restringimo-nos à atividade de Vossler apresentada em livros, mas, da miscelânea de estudos vinda a lume em 1932, em regozijo pelo transcurso de seu sexagésimo aniversário, constam 481 artigos escritos no período que vai de 1897 a 1932.

Se, como dissemos, foi cerrada, no começo, a hostilidade a Vossler, todavia o perpassar dos anos permitiu ficasse evidenciado a superioridade da sua posição. Na tradução inglesa da famosa obra do lingüista romeno Iorgu Iordan relativa às escolas e mestres de filologia românica, publicada em 1937, lê-se o seguinte: Por ter (Vossler) dado a devida atenção aos fatores psíquicos da linguagem, entraram a circular vida nova e ar puro no campo da pesquisa lingüística, onde, em virtude a enorme quantidade de material acumulado, particularmente fonético, a atmosfera vinha sendo, demasiado frequentemente, a de um depósito”. O próprio Meillet, apesar da mentalidade arraigadamente positivista, um dos mais lúcidos espíritos do seu tempo, não se furtou a declarar que devemos a Vossler “haver contribuído amplamente para abrir uma janela e arejar a lingüística”. Mais recentemente, A. Tovar, num apêndice à obra de Wilhelm Thomsen intitulada “História de la Lingüística”, aluda à “escola idealista de Munique fundada pelo genial romanista Carlos Vossler”.

Diante desses depoimentos e de outros que poderíamos aduzir, assumem a feição de nota desafinada opiniões como esta, que José Pedro Machado, sob tantos aspectos digno do maior apreço, deixou escapar na sua “Breve História da Lingüística”: “O papel dos idealistas está nisto: erros de método, alguns casos de falsificação de doutrinas e até desejos de lançar trevas onde havia luz.” (p. 93).

Já é tempo, porém, de dizer algo a respeito dos princípios defendidos por Vossler.

Como precursor do movimento, deve-se citar o alemão Guilherme de Humboldt, criador do conceito de “innere Sprachform”, ou seja, *forma interior da linguagem*. Trata-se de uma espécie de arcabouço intelectual comum a toda uma coletividade a que Humboldt atribuía caráter étnico, mas que nós somos livres de considerar de natureza cultural. Da “innere Sprachform” de Humboldt podemos aproximar a “elementare Verwandtschaft”, o parentesco elementar, de Schuchardt.

Afirmando que a elocução consiste apenas numa exteriorização verbal desse arcabouço, Humboldt lançava os fundamentos do método idealista, que não se contenta com as vestes exteriores da linguagem, meros escalões numa viagem mais profunda em direção da própria estrutura psíquica do ser humano.

A fonte mais próxima de Vossler é, porém, o sábio filósofo italiano Benedetto Croce, cujo livro “Estética come Scienza delle Espressione e Linguistica Generale”, Palermo, 1902, representa uma das mais vigorosas florações do gênio latino. Para Croce “o conhecimento humano tem duas formas: é conhecimento *intuitivo* ou conhecimento *lógico*; conhecimento por *imaginação* ou conhecimento pela *inteligência*; conhecimento do *individual*,

ou conhecimento do *universal*; das coisas ou das suas relações; é, em suma, um produtor de imagens ou produtor de conceitos”. Diz ainda Croce que “uma ciência do conhecimento intelectual é conhecida e muito antiga: é a lógica, mas uma ciência do conhecimento intuitivo dificilmente é admitida e timidamente, por muito poucos homens”.

Para Croce *intuição* e *expressão* se identificam. Assim procedendo, reúne num só conceito *intuição* e *arte*. Sendo, porém, a estética a “Ciência da expressão”, há de confundir-se necessariamente com a linguística geral, pois linguagem é expressão. “Os linguistas ou glotólogos filosoficamente dotados, conclui Croce, que souberam melhor aprofundar as questões da linguagem, acham-se na condição dos trabalhadores de um túnel: chegados a certo ponto devem ouvir a voz dos companheiros, os estetas, que começaram do outro lado”.

Vossler aceita de Humboldt o princípio de que a língua se faz de dentro para fora, e não de fora para dentro como queriam, ou pareciam querer, os positivistas. Linguagem, por conseguinte, é sempre expressão e, como tal – aqui intervém Croce – intuição. Nunca dizemos duas vezes a mesma frase, da mesma forma que – a imagem é clássica – jamais são as mesmas as águas do mesmo rio. É que a cada expressão corresponde uma forma particular de sentimento das coisas e na perquirição do nexos causal que prende a segunda à primeira é que reside o verdadeiro objeto da ciência da linguagem. A esse estudo Vossler dá muito acertadamente o nome de “estilística”, que passa a ser a verdadeira face da ciência da linguagem.

Distingue dois momentos na criação da linguagem. O primeiro é o *progresso absoluto*, caracterizado pela atividade teórica individual; o segundo é o do *progresso relativo*, decorrente da atividade teórico-prática da coletividade, que aceita as inovações individuais, podendo até modificá-las, corrigi-las ou reforçá-las. Essa distinção está na base da dupla perspectiva com que os fatos linguísticos se apresentam a Vossler: linguagem como criação e linguagem como evolução. Entenda-se, porém, que explicação causal só o primeiro momento pode oferecer.

Ponto controvertido é aquele em que Vossler procura determinar a natureza da ciência que deve explicar finalmente os fenômenos linguísticos. Segundo os ensinamentos de Croce, Vossler arrimou-se à estética porquanto, também a seu ver, linguagem é expressão, caindo, pois, sob a soberania daquela ciência. Todavia aqui tanto Vossler como Croce exageram, dado que não é acertado abstrair das artes, em geral, nem da linguística, em particular, o elemento semântico, ou seja, o conteúdo. A afirmação de Croce de que “o fato estético é nada mais que forma” soa falso em linguística. Essa hipertrofia da regulação estética é o maior pecado do genial renovador dos estudos linguísticos.

A matéria é longa e controversa. O que deixamos dito, basta para um julgamento sereno da obra do sábio de Munique. Embora não isenta de crítica, a sua doutrina foi a que mais profundamente revolveu o terreno lingüístico, numa época em que não faltaram grandes nomes de estudiosos e desbravadores, como Gilliéron, Meillet ou Trubetzkoy. Os impropérios que ouviu no início de sua campanha e os ecos dos mesmos que atualmente, entre nós, só querem, em vão, prolongar, ao invés de escurecer-lhe o mérito peregrino, vincam-lhe melhor a personalidade de homem de luta e privilegiada visão.

(15/06/1949)

\*

### Palavras do Natal

O Ano Litúrgico da Igreja Católica se inicia com o “Ciclo de Natal”, que se compõe de duas partes: o *tempo do Advento* e o *tempo do Natal*. A festa do Natal é o ponto culminante do ciclo e, portanto, o ponto de interseção dos dois tempos.

*Advento* é palavra latina que significa “chegada”. Vem do verbo *venire* precedido do prefixo *ad*, que exprime “direção para, aproximação”. É o próprio Deus que vai chegar ao mundo e, por isso, o povo se prepara para recebê-lo, purificando-se, praticando penitência, jejuando, adornando o espírito e não o corpo, para o momento da transcendental recepção.

A palavra “natal” também é de origem latina. Prende-se ao radical do verbo depoente *nascor*, que significa “nascer”. Trata-se de um adjetivo: “natalis”, muito usado na expressão “dies natalis”, dia do nascimento. Depois o adjetivo se substantivou e passou a assumir sozinho o significado da expressão inteira. Com tal valor já encontramos o antigo adjetivo num sermão de Santo Agostinho: “natalem domini hesterna die celebravimus”.

A palavra que propriamente denota o dia natalício é o substantivo “natividade” que também pode empregar-se para o dia do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas normalmente se usa para designar a festa com que celebramos a vinda ao mundo da Mãe Santíssima de Jesus: *Natividade de Nossa Senhora*, comemorada no dia 8 de setembro.

Muito ligada ao Natal é a festa de *Epifania*, que se celebra no dia 6 de janeiro, popularmente conhecido como “Dia de Reis”.

A palavra “epifania” é de origem grega e, hoje, na liturgia da Igreja, significa “a aparição ou manifestação do menino-Deus ao mundo”. O fato local, que se passou anonimamente na pequena gruta de Betlém, toma as dimensões